

EDITORIAL

Prosseguimos, aqui, nossa interminável conversa com os amigos de Mnemosine – *muy amigos*, certamente, pois lêem inclusive o quase sempre esquecido Editorial.

O número tardou mais do que o previsto, fazendo-nos lembrar que nossa presteza acadêmica em publicar – exigência cada vez mais desmedida – depende, em parte considerável, de condições pouco evocadas: secretariado regular, servidor da Internet confiável, habilidade em lidar com a parafernália eletrônica etc.

Do último número a surgir na telinha até hoje, nossa secretária mudou duas vezes (agora, a imprescindível colaboradora é Simone Serafim). Com isso, para editar os números correspondentes a 2007, tivemos de nos embrenhar em programas de computador pouco conhecidos e realizar maratonas, reais e virtuais. Escritos, pareceres e eventuais reformulações fluíram ao ritmo veloz da curiosidade intelectual, da amizade e da confiança recíproca. O “braçal” da tarefa – HTMLs e PDFs, *down* e *uploads*, siglas e termos mágicos que nunca saem prontos da cartola –, por sua vez, exigiu a invenção coletiva de tempos-espacos improváveis.

A despeito de tudo isso, ou por isso, eis o primeiro número de 2007, composto de 9 artigos e uma biografia. Nos artigos, proliferam as instituições: psiquiatria, menordade, higiene, igreja, memória, psicologia, Estado, psicanálise, adolescência. A análise institucional jamais é incompatível com a história, desde que as instituições sejam radicalmente desnaturalizadas e desfuncionalizadas, aparecendo no sentido próprio do termo instituir, ou seja, criar, instaurar, estabelecer conexões originais. A biografia, por seu lado, cartografa – termo que

mais uma vez remete a uma forma de criar-conceber o mundo que se afasta das armadilhas da representação.

As características deste número anunciam o por-vir. A próxima edição de Mnemosine (cruzem os dedos, amigos, ela não deve tardar...) será dedicada, em sua parte especial, à Análise Institucional.

Heliana de Barros Conde Rodrigues